

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

STHEFANNY MARIA MENEZES CARDOSO

***PAI NOSSO QUE ESTAIS NO CÉU:
SANTIDADE E IMITAÇÃO DE CRISTO NA VIDA DE
SÃO FRANCISCO DE ASSIS (1181-1228)***

SÃO CRISTÓVÃO – SE
FEVEREIRO DE 2021

STHEFANNY MARIA MENEZES CARDOSO

***PAI NOSSO QUE ESTAIS NO CÉU:
SANTIDADE E IMITAÇÃO DE CRISTO NA VIDA DE
SÃO FRANCISCO DE ASSIS (1181-1228)***

Artigo Científico entregue ao Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe, como requisito obrigatório para a conclusão do curso em Licenciatura Plena em História.

Orientador: Prof. Msc. Rafael Costa Prata

SÃO CRISTÓVÃO – SE

FEVEREIRO DE 2021

AGRADECIMENTOS

Ao Pai das misericórdias, a quem confiei meu tesouro e depusitei minha fé como São Francisco, elevo o meu coração em gratidão por todo o bem que fez, permitindo-me chegar até aqui. Graças Vos dou, meu Redentor, por se deixar levar por amor eterno e mostrar-me quanta *razão* há em Te amar. Agradeço também ao Espírito Santo por me permitir sentir nesse caminho a incessante intercessão da Virgem Maria, a fiel amizade de São José e a docilidade do meu anjo da guarda.

Estendo a minha gratidão a minha família, especialmente, aos meus pais, Paulo e Rejane, por terem sido os instrumentos escolhidos por Deus para me trazerem até aqui. Sem vocês, certamente, nada disso teria sido possível. Obrigada por todo zelo que sempre me devotaram. Agradeço também as minhas irmãs, Gabriella e Camilla, por caminharem junto comigo – inclusive lendo meus trabalhos, vocês foram demais – e também por me permitirem fazer dos vossos corações um lugar onde pude descansar. Ao meu irmão, Luíz Miguel, por ter trazido tanta alegria ao meu coração, fazendo-me enxergar o caminho com mais leveza. Aos meus avós, Maria José, Maria Istela e Paulo, por todo amor e carinho a mim dedicados, pelas mais simples e sinceras orações, mas também por terem desde o princípio acreditado em mim, aos senhores, meu mais puro amor. Ademais, meus sinceros agradecimentos a cada um dos meus familiares que, desde sempre, me impulsionaram de tantas formas, especialmente nas partilhas e orações que muito me ampararam, a não desistir do caminho, vocês foram e sempre serão muito importantes para mim. De forma singular, expresso meu agradecimento a Tia Simone por me ajudar a enriquecer essa pesquisa e por todo apoio.

Enalteço também a minha profunda gratidão a minha comunidade, a Fraternidade O Caminho, o lugar que Deus me deu por moradia nesta terra. Agradeço, particularmente, ao meu fundador, Padre Gilson Sobreiro, por ter me dado o direcionamento dessa pesquisa unido ao paterno incentivo e encorajamento. Sou grata também a cada um dos religiosos que passaram com profundidade por minha vida, deixando marcas de Deus em mim, singularmente, a Ir. Aracaeli de Jesus Misericordioso, Ir. Janua dos Coros Angelicais, Ir. Aimê Filha de Maria e Ir. Maya de Maria Imaculada, inestimável é o meu reconhecimento por toda dedicação e paciência que sempre me depositaram, ajudando-me a ser, a cada dia e com a fecundidade das vossas vidas, àquilo que Deus pensa de mim. Meu coração se enche de gratidão ainda

pelos meus demais irmãos de comunidade, vocês me revelam o rosto de Cristo, me ensinam a amar e animam a seguir dando passos para o céu. De modo particular, agradeço a Mônica, por todo companheirismo, incentivo, compreensão e, claro, não poderia esquecer, por todas as caronas salvíficas ao longo desses anos.

Também agradeço a contribuição direta da minha psicóloga, Lydia, pela inteireza de sua disponibilidade, comprometimento e generosidade. Obrigada por ter me devolvido a mim mesma e, assim, me mostrar que sou capaz de ir além daquilo que pensava poder ir. Tua vida é um raio de luz na minha!

Por fim, enalteço o grande companheirismo amigo do meu orientador, Rafael Prata. Me alegro por ter sido sua orientanda e ainda serei de coração. Sua presença e contribuição nessa caminhada foram de suma importância para o meu crescimento enquanto pesquisadora, mas também como pessoa. Muito obrigada por compartilhar tantas experiências, pela troca, por acreditar em mim, me impulsionar, compreender e, o mais especial de tudo, me animar também espiritualmente.

***PAI NOSSO QUE ESTAIS NO CÉU:
SANTIDADE E IMITAÇÃO DE CRISTO NA VIDA DE
SÃO FRANCISCO DE ASSIS (1181-1228)***

Sthefanny Maria Menezes Cardoso¹

RESUMO: Este breve estudo se dispõe a analisar o processo de conversão e santificação de São Francisco de Assis em sua relação com a Igreja. Nossa análise se delimita no que consideramos suas mais importantes biografias, a *Vida primeira* de Tomás de Celano e a *Legenda Maior* de São Boaventura. À luz de Jacques Le Goff, Jérôme Baschet e, especialmente, Victor Mariano Camacho, nos apoiamos metodologicamente. Diante disso, nos propusemos a traçar um caminho onde podemos observar as contextualizações históricas de Francisco, por primeiro a sociedade como um todo e depois um recorte especial da Igreja, sobretudo, no que tange as transformações que estas estavam vivenciando, culminando, assim, na figura do Santo de Assis.

Palavras-chaves: Igreja; Reforma; Santidade.

RESUMEN: Este breve estudio se propone analizar el proceso de conversión y santificación de San Francisco de Asís en su relación con la Iglesia. Nuestro análisis se basa en las que consideramos sus biografías más importantes, la Primera Vida de Tomás de Celano y la Gran Leyenda de São Boaventura. A la luz de Jacques Le Goff, Jérôme Baschet y, especialmente, Víctor Mariano Camacho, nos apoyamos metodológicamente. Ante esto, nos propusimos trazar un camino donde poder observar las contextualizaciones históricas de Francisco, primero la sociedad en su conjunto y luego un sector especial de la Iglesia, sobre todo, en lo que respecta a las transformaciones que estaban viviendo, culminando, así, en la figura del Santo de Asís.

Palabras llave: Iglesia; Remodelación; Santidad.

¹ Graduanda em História na Universidade Federal de Sergipe (DHI/UFS).

1. INTRODUÇÃO

Giovanni Bernardone, conhecido como São Francisco de Assis, santo canonizado pela Igreja no ano de 1228, nasceu no século XII em Assis, na Itália. O ano de seu nascimento não é preciso nas fontes, porém, é sabido que há de ter sido por volta de 1181 e 1182. Era filho de um importante comerciante de tecidos da cidade de Assis, Pietro Bernardone, e da francesa Pica Bourlemont e fora batizado com o nome do santo precursor do deserto, João Batista, a quem é comparado em matéria de santidade por São Boaventura em sua *Legenda Maior*. Não se sabe com precisão o porquê da mudança do seu nome para “Francesco”, mas segundo Le Goff (2001, p. 59), a hipótese mais aceitável para essa mudança teria sido a sua intensa paixão pela língua francesa, sua língua materna, e, por isso, aqueles que fizeram parte de sua juventude, notando nele essa forte característica o chamavam por esse cognome, “Francesco”.

Não há, nas fontes, muitas informações sobre a infância do pequeno Bernardone, contudo, é possível imaginar, com certa segurança, que foi um tanto quanto agitada, tendo em vista que ele “nasce no coração do período do grande desenvolvimento do Ocidente medieval e em uma região fortemente marcada por esse desenvolvimento” (LE GOFF, 2001, p. 23). O seu contorno vital, ou seja, o ambiente que marca o seu crescimento, além de estar em constante mudança e expansão, sobretudo econômica e demográfica, é marcado também pela transformação espiritual da Igreja, especialmente, em sua reforma gregoriana que, segundo Le Goff (2001, p. 27), busca uma volta as origens, a *Ecclesia primitivae forma*, e a vivência efetiva da vida apostólica, a *Vita vere apostolica*. Embora tenha crescido em meio a efervescência de transformações e das suas consequências, o pequeno Francisco continuava a sentir em Assis um doce aroma cavalheiresco que não haveria de se esvaír tão cedo e que incutiu dentro dele uma forte atração pela carreira militar.

Sobre a sua juventude, encontramos um vasto leque de referências na historiografia e, conseqüentemente, não nos deparamos com um consenso acerca desse momento da vida do santo, sobretudo nos seus principais biógrafos, pois enquanto Tomás de Celano – em sua *Vida Primeira*, a qual nos valeremos aqui – defende, hiperbolicamente, a depravação da sua juventude. Boaventura, em contrapartida, suaviza tal situação e diz que ele “jamais se deixou levar pelo ardor das paixões que dominavam os jovens” (BOAVENTURA, 2016, p. 13), evidenciando, inclusive, as suas

já tão visíveis virtudes. Outros autores, posteriormente, também irão divergir sobre o tema, mas o que há de ser consensual entre todos é que o jovem de Assis vivia uma vida de divertimentos “nos jogos, no ócio, nos bate-papos, nas canções, e em matéria de roupas andava sempre na moda” (LE GOFF, 2001, p. 59). Além disso, enquanto Tomás de Celano, em sua *Vida Primeira*, ressalta a importância da má educação dada a Francisco por seus pais, o que o tornara ao longo da vida “mais desavergonhado e frívolo do que eles” (CELANO, p. 08), Inácio Larrañaga, pesquisador do século XX, em sua obra *O Irmão de Assis*, exalta a especial relação que Francisco haveria tido com a sua mãe, dona Pica, e as marcas indeléveis que ela deixou na alma de seu filho, contribuindo assim para o seu processo de conversão e, mais tarde, com a construção da sua espiritualidade.

Ademais, ainda que fosse um homem de posses devido ao lucrativo trabalho do pai, Francisco não era um nobre, mas um burguês que ansiava viver como nobre. Todavia, segundo Celano (CELANO, p. 10), pouco ou nada se preocupava com o acúmulo de riquezas, pelo contrário, era um gastador ávido por glória. Ele era uma figura festiva, preocupava-se em ser visto e exaltado, estava sempre a frente e facilmente liderava os que o seguia com uma “sede insaciável de festa e de alegria” (LARRAÑAGA, 2012, p. 20). O seu desejo de glória unido a sua atração pela carreira militar o fez ir em busca da realização e tão logo Francisco enfrentava a sua primeira guerra, desenrolada nas lutas que tomavam a cidade de Assis por conta do imbróglio entre o Pontificado e o Império e, obviamente, os diversos jogos de interesses que havia por trás disso.

Quando o filho de Bernardone se envolve nas lutas que tomavam a sua cidade natal desde antes do seu nascimento, ele tinha em torno de 20 anos e conheceu a sua primeira derrota, tornando-se prisioneiro de guerra na cadeia da cidade rival de Assis, Perúcia, o que ainda não fora suficiente para o fazer desistir da carreira militar. Pouco tempo depois, atravessou um momento de longa enfermidade que, segundo seus principais biógrafos aqui já abordados, surtiu nele as primeiras inquietações a respeito de uma vida mais elevada, ou seja, desprendida das glórias terrenas, porém, não demorou para que tendo se recuperado da doença que o afetara, partiu para a Apúlia, onde serviria os exércitos papais. Não serviu. Voltou para Assis após ter tido um sonho que não soubera interpretar, mas que logo foi desvelado quando ouviu a voz do Senhor,

em Spoleto, explicando o sentido espiritual deste sonho e o convidando a retornar à sua terra. Foi obediente.

Iniciou-se, na obediência à voz que o chamou, o processo de conversão de um dos maiores santos já conhecidos pela humanidade. A partir desse primeiro episódio, não faltará, portanto, na literatura sobre a sua santa vida tantos outros momentos marcantes que o atraíram a um amor profundo pelo Cristo pobre e crucificado. Entretanto, vale destacar que nesse momento inicial, Francisco retirava-se constantemente para lugares solitários, buscando estar com o seu Senhor e perscrutar os divinos planos para a sua vida, até que certa vez ouviu, na velha igreja de São Damião, novamente a voz que o falara outrora, desta vez a dizer: “Francisco, vai e restaura a minha casa. Vês que ela está em ruínas” (BOAVENTURA, 2016, p. 19). Mais uma vez, Francisco interpretou literalmente o que ouvira e reconstruiu três pequenas igrejas que se encontravam em um estado precário, contudo, mais adiante percebe que o sentido do que escutou era novamente espiritual e a voz que lhe falava estava a pedir pela restauração da própria Igreja de Cristo.

Os episódios que se sucedem, como o marcante encontro com o leproso, a renúncia dos bens paternos e tantos outros, já são do nosso conhecimento, pois estão presentes, para além de São Boaventura e Tomás de Celano, em uma larga literatura que trata sobre a vida do fundador da Ordem dos Frades Menores. O que pretendemos, portanto, neste presente artigo não é biografar São Francisco de Assis, mas tendo o apresentado, compreender a construção da sua santidade que, por vezes, andou em linha tão tênue com a heresia, haja vista que ele se empenhou em cumprir aquilo que fora solicitado pela voz do próprio Cristo, a reconstrução da Igreja, e isso, certamente, mexeu com as estruturas de uma Igreja que já estava passando por diversas transformações.

A amizade e confiança para com o cardeal Ugolino, posterior papa Gregório IX responsável por sua canonização, e a obediência que guardava em si para com a Santa Sé garantiram a Francisco uma das mais rápidas canonizações da história da Igreja, pois morrendo em 3 de outubro 1226, é canonizado em 16 de julho de 1228. Destarte, pretendemos compreender essa relação de obediência, mas de claras concessões entre São Francisco e a Igreja e, assim, desvelar o mistério do santo que até hoje move as estruturas da Igreja.

2. IMITADOR DO PAI

Francisco é filho do século XII e de um Pietro Bernardone provavelmente bastante ausente, pois este era, como já afirmamos anteriormente, um mercador, o que implica dizer que era um viajante, sobretudo por trabalhar com tecidos, inclusive, o próprio Jacques Le Goff (2001, p. 58) relata a ausência de Bernardone no nascimento do seu filho. Ser um comerciante e italiano nesse período da Idade Média, é estar no epicentro do desenvolvimento comercial e urbano. As cidades, especialmente as italianas, estavam se desenvolvendo a todo vapor, eram as pontes “das trocas entre Ocidente e Oriente” e “zona das trocas comerciais mais intensas” (BASCHET, 2006, p. 144).

As cidades, em sua maioria já existentes, começam a crescer e desenvolver-se no dinamismo das trocas que acontecem em mercados e feiras periódicas, o que é fruto, segundo Jérôme Baschet (2006, p. 154), da própria dinâmica do feudalismo. Os excedentes produzidos na zona rural geram um comércio favorável que sustenta o funcionamento dos senhorios e fortalece, cada vez mais, as zonas urbanas. Contudo, não podemos reduzir o renascimento urbano somente a isso, pois “é preciso aceitar o fato de que o nascimento e o desenvolvimento das cidades medievais se deve a um conjunto complexo de estímulos e, sobretudo, a diversos grupos sociais” (LE GOFF, 2005, p. 69).

Um importante estímulo para o desenvolvimento da cidade medieval foi, certamente, o progresso das atividades artesanais, especialmente voltadas a tecelagem e a metalurgia. Aqui encontramos Pietro Bernardone, que estava inserido dentro da realidade mais próspera da cidade. Bernardone era um “lombardo”, nome dado aos mercadores italianos, e muito provavelmente assim como os outros mercadores, atravessava “cada vez com mais frequência os Alpes para vender seus produtos na França e na Alemanha” (BASCHET, 2006, p. 144), aliás, era na França que se encontrava quando seu filho nasceu.

Como nos mostram as biografias de Francisco, Pietro Bernardone era um homem de posses, ou seja, obteve sucesso em suas empreitadas enquanto comerciante e não diferente dos outros mercadores, podemos supor, com certa segurança, que aspirava por uma vida aristocrática, como podemos perceber no trecho a seguir:

Com efeito, mercadores, artesãos e banqueiros enriquecidos têm apenas um desejo: fixar-se na zona rural, adquirir feudos, se possível

serem consagrados cavaleiros, e esforçar-se para fazer acreditar que pertencem a uma linhagem de antiga nobreza (...) Não se poderia dizer mais claramente que, a despeito do aparecimento de um investimento na produção artesanal ou na troca, a Idade Média permanece fundamentalmente dominada pela lógica do controle da terra (BASCHET, 2006, p. 156).

Talvez o próprio Bernardone, pela idade avançada, não sonhasse com tudo isso mais para si, mas projetasse em seu filho Francisco, o futuro do seu sobrenome em Assis. Como então podemos imaginar o pequeno Francesco dentro dessa realidade? Penso que essa é uma pergunta bastante difícil de ser respondida se nos limitarmos a respondê-la somente a partir daquilo que podemos beber nas linhas de suas biografias, mas se permitirmos encontrá-lo nas entrelinhas, muitas possibilidades se aparecem viáveis de nessas linhas aqui serem colocadas. A que nos parece mais cabível de imaginar, é de um Francisco que sentia a ausência paterna e que corria para estar junto do pai quando este encontrava-se por perto, aprendendo dele tudo que lhe era possível captar, sendo influenciado por ele no que seriam seus desejos e aspirações de vida. Sustentamos esse pensamento a partir de uma afirmação de Celano (CELANO, p. 10) em sua *Vida Primeira* quando chama Francisco de “negociante cauto”. Francesco Bernardone, assim como o seu pai e em sua perfeita imitação, tornou-se um negociante.

A semelhança da definição de Baschet de um comerciante com as virtudes do santo descritas pelos seus principais biógrafos, Boaventura e Celano, não são mera casualidade, mas sim resultado de uma vida de imitação da figura paterna. Tomás de Celano descreve Francisco como um homem “de grande prodigalidade, em vez de acumular riqueza, esbanjava-a. Embora negociante cauto, revelava-se perdulário por vanglória. Era, mesmo assim, de trato muito humano, cortês e afável” (CELANO, p. 10) enquanto Baschet diz que “os mercadores e os artesãos (...) se fundem, ao menos parcialmente, no seio de uma elite urbana que combina atividades artesanais e mercantis com reivindicação de “nobreza”, espírito contábil e ética cortês” (BASCHET, 2006, p. 149). Acerca disso, complementa Le Goff:

A característica mais interessante é que esse filho de comerciante, por um reflexo natural à nova geração de seu grupo social, procurava levar um ritmo de vida cavaleiroso, imitando o comportamento dos nobres mais que praticando as virtudes e os defeitos da burguesia comercial (LE GOFF, 2001, p. 59).

Das nobres pretensões, a que mais ressoava dentro de Francisco, assim como em muitos jovens da época, era a de ser cavaleiro, de praticar o ofício das armas e como consideramos que a atenção e aprovação do pai eram fatores importantíssimos para ele, ainda que em certa medida isso não fosse plenamente consciente, aceitamos que para além de um desejo de nobreza refletido em ser um cavaleiro, Francisco o quisesse para ser visto pelo pai e assim iniciou sua breve carreira militar que desencadeou, mais tarde, na sua conversão, não correspondendo então as expectativas paternas.

Embora com traços bastante particulares na vida de Francisco, o sonho da carreira militar era muito comum à época, sobretudo em Assis, pois no seu desenvolver dentro do renascimento comercial e urbano, não tão chamativo no tocante econômico como as cidades de Gênova e Veneza por exemplo, com certeza chamava atenção pelos conflitos existentes, pois ali “mais do que qualquer outro lugar, continuava uma luta dupla entre os partidários do papa e os do Imperador” (LE GOFF, 2001, p. 60). Assis estava imersa em uma luta interna de poderes que, como se já não bastasse, deságua numa guerra contra a sua cidade rival, Perúsia. Diante desse cenário, percebemos a importância de duas colunas que fazem boa parte, segundo Baschet (2006, p. 145), da sustentação do desenvolvimento urbano, a Igreja, geralmente na pessoa de uma autoridade episcopal, e a vida militar.

Examinemos agora a vida cidadina, esta que não era estática, longe disso, o meio urbano era de um extremo movimento, um ambiente de locomoção, onde não se desenvolvia somente a economia, mas também se expandia a circulação de ideias. A cidade é o lugar da intelectualidade, pois segundo Le Goff (2006, p. 29) o intelectual medieval nasce com elas. O mesmo autor ainda complementa ao considerar que “as cidades são placas giratórias da circulação dos homens, responsáveis tanto pelas idéias como pelas mercadorias, são os pontos de troca, os mercados e as encruzilhadas do comércio intelectual” (LE GOFF, 2006, p. 37).

Se consideramos a cidade como o lugar de florescimento da intelectualidade e Francisco um filho da vida cidadina, aceitamos como que por consequência ser muito provável que ele possa ser visto como um intelectual. Mas aqui não o concebemos como um intelectual ativo, se assim podemos dizer, pois o estudo não era o que atraía os desejos do coração de Francesco Bernardone, mas sim o ofício de armas, como já é de nosso conhecimento, o que antagoniza diretamente com os anseios daqueles que se

dedicavam à vida dos estudos, ou seja, da intelectualidade. Inclusive, segundo Le Goff (2006, p. 57), os grupos mais radicais de intelectuais conservavam em si uma certa repulsa daqueles que seguiam a carreira militar, pois “para o intelectual urbano, as batalhas do espírito, as justas da dialética substituíram pela dignidade as proezas militares e as façanhas guerreiras” (LE GOFF, 2006, p. 57).

Aceitando, portanto, que Francisco não se encaixava nesse grupo de intelectuais, que tipo de intelectual seria então Francisco de Assis? Acreditamos que somente um sensível admirador das línguas, poesias e canções, ou seja, da cultura. Ademais, concordamos com Le Goff (2001, p. 60) quando o considera um “cançonetista”, mas salientamos ser de algum exagero colocá-lo como um “jogral”² se considerarmos a própria explicação do autor para o termo, pois Francisco soube apreciar e também reproduzir a intelectualidade do seu tempo, mas não dedicava a isso sua vida, pelo contrário. Ainda assim, não podemos negar todo o contexto que estava inserido o futuro santo e como tudo isso influenciou o seu caminho, dado que:

Francisco vivia em uma cidade e, portanto, conviveu, no seu dia a dia, com diversos aspectos das transformações que marcaram o período. Dentre estes, destacamos o aumento da população citadina; a construção de grandes prédios; a proliferação de movimentos religiosos leigos, como a organização de confrarias e de associações de penitentes; a perseguição às heresias, etc. E, certamente, teve contato com letrados, clérigos, pobres, leprosos, jograis e prostitutas nas ruas da cidade (SILVA, 2009).

Aceitando, portanto, que esse cenário de mudanças e contato com diversas realidades ajudaram a forjar o seu pensamento especialmente antes da sua conversão, podemos seguir adiante para conhecermos com um pouco mais de fundura aquela que formou o seu pensar a partir de sua conversão: a Igreja.

3. A MÃE IGREJA

Para compreendermos melhor o contexto que levou Francisco de Assis a uma santidade, somos convidados a voltar o olhar, obviamente, para a Igreja da época, a instituição mais importante do medievo. Vejamos o cenário a seguir:

No século X e inícios do século XI, o poderio da Igreja anda debilitado. O poder do papa continua fraco, submetido aos imprevistos da política imperial e dos conflitos entre as facções da aristocracia

² “Mas é preciso pensar também no fato de que *joculator*, ou *jogral*, é, na época, o epíteto com que são classificadas todas as pessoas consideradas perigosas que se quer separar da sociedade.” (LE GOFF, 2006, p. 49)

romana. Do mesmo modo, os bispos encontram-se entregues às pressões dos aristocratas locais. Os senhores laicos apropriam-se do controle das igrejas, das quais nomeiam os servidores paroquiais e das quais recebem os dízimos e os rendimentos. A Igreja arrisca, então, a ser absorvida nas novas estruturas resultantes da formação dos senhorios, em posição de dependência em relação aos laicos, que são seus principais beneficiários (BASCHET, 2006, p. 184).

Ao analisarmos o parágrafo acima citado, podemos imaginar quão incomodada se sentia a Igreja diante de tão complicada conjuntura. O incômodo, portanto, gerou um movimento de mudança. Assim como se reforma uma casa, era necessário iniciar uma reforma na Igreja, ajustar o que já não dava mais para se sustentar. Embora a Reforma a qual nos referimos leve o nome de “Gregoriana” em honra a um dos seus maiores idealizadores, o Papa Gregório VII, ela iniciou-se, para muitos historiadores, bem antes do seu pontificado (1073-1085)³, “como um movimento dentro dos mosteiros que visavam uma reforma espiritual convicta do ideal de *Vita Apostólica*” (RIBEIRO, 2014, p. 140).

É importante destacar que o motor inicial da reforma gregoriana tem um caráter espiritual de “uma volta às origens – *Ecclesia primitivae forma*” e de uma “realização da verdadeira vida apostólica”, ou seja, de uma “retomada do processo de cristianização” (LE GOFF, 2001, p. 27). Esse processo se expressa primeiramente dentro dos mosteiros quando estes buscam “uma volta à regra original de São Bento cuja ênfase recaía sobre o trabalho manual [...] e sobre a simplicidade de vida; o que significa a rejeição das formas tradicionais de riqueza monástica” (LE GOFF, 2001, p. 28), além de um empenho em resgatar um, ainda segundo Le Goff (2001, p. 28), eremitismo primitivo.

Mas o que seria essa volta as origens, esse ideal de resgatar uma Igreja Primitiva voltada para a vida apostólica? Em primeiro lugar, é importante que compreendamos que esse movimento de volta às origens não era restrito à Igreja, mas era um desejo consciente quase que generalizado dos homens da época. A Igreja, segundo Vauchez (VAUCHEZ, 1995, p. 71) não fica, portanto, alheia a esse sentimento, pois “para ela também a perfeição se situava no passado, isto é, na época dos apóstolos e dos mártires” (VAUCHEZ, 1995, p. 71). Deste modo, o ideal de *Ecclesia primitivae forma* e *Vita Apostólica* eram a expressão da “vontade de voltar à pureza original do cristianismo”

³ LE GOFF, Jacques. **São Francisco de Assis**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

(VAUCHEZ, 1995, p. 71). A ideia era volver o olhar para a Igreja Primitiva, encontrada no livro dos Atos dos Apóstolos, para o testemunho de fidelidade dos primeiros cristãos e para a verdadeira mensagem evangélica, ou seja, seria então a imitação a Cristo e seus primeiros “a resposta para os problemas levantados por uma sociedade em mutação” (VAUCHEZ, 1995, p. 71).

Sendo assim, “a Cúria Romana começará a pensar em uma reforma eclesiástica. Contudo a reforma eclesiástica pensada por Roma não adotará de forma plena a reforma como foi pensada dentro dos mosteiros” (RIBEIRO, 2014, p. 140). A Cúria Romana não se afasta dos ideais espirituais da reforma iniciada nos monastérios, haja vista que a Igreja precisa ser para os fiéis uma “resposta à evolução do mundo” numa busca por “adaptação às mudanças que surgem fora dela” (LE GOFF, 2001, p. 28), mas para que uma transformação espiritual possa acontecer no seio da cristandade da época, se fazia necessária a resolução de questões pontuais das relações de poder já supracitadas, tendo como “eixos principais a reforma da hierarquia secular sob a autoridade centralizadora do papado e o reforço da separação hierárquica entre laicos e clérigos” (BASCHET, 2006, p. 190).

Todavia, apenas no papado de Gregório VII, um dos personagens mais importantes do período “tanto por ter implantado reformas religiosas nas instituições eclesiásticas como por ter reforçado a autoridade da Igreja em relação ao poder temporal” (RIBEIRO, 2014, p. 140), é que a Cúria Romana chega ao auge da reforma, pois foi ele quem mais ardentemente:

Combateu os dois principais problemas que a Igreja enfrentava: a Simonia (venda de benefícios eclesiásticos) e o matrimônio ou concubinato dos clérigos. Além disso, convencido de que os transtornos que afetavam a Igreja procediam de investiduras leigas, promulgou em 1075 seu decreto que proibia os poderes seculares a concessão de bispados, sob pena de excomunhão (RIBEIRO, 2014, p. 140).

Deste modo, ainda que a reforma tenha seu caráter inegável de afirmação política e de poder por parte da Igreja, não consideramos que este se sobreponha ao caráter espiritual que tentava impor a Igreja no seu “ideal de retorno à Igreja primitiva” (BASCHET, 2006, p. 190), o qual o próprio Jérôme Baschet vê com desconfiança e considera apenas como uma justificativa e não um fim. Não vemos assim porque ao passo que a Igreja tenta afirmar-se institucionalmente como autoridade, ela também “se

esforça para dar novas formulações doutrinárias, novas práticas religiosas” (LE GOFF, 2001, p. 31), reforçando que “todas as experiências religiosas desse tempo foram marcadas pela vontade de voltar à pureza original do cristianismo” (VAUCHEZ, 1995, p. 71).

Ademais, a reforma proporcionou o florescimento cada vez mais crescente de novas ordens religiosas, lançou bases para o nascimento do Direito Canônico, fortaleceu a pregação e apesar da “manutenção da barreira entre clérigos e leigos, a presença destes últimos no domínio religioso se afirma” (LE GOFF, 2001, p. 30), se multiplicando assim os grupos de leigos e mulheres religiosas. Para mais, se contempla também a volta dos concílios gerais. Tudo isso foi resultado profícuo, considerando suas complexidades, de uma busca por uma transformação para além de política.

Embora pudéssemos adentrar em tantas questões que com a reforma gregoriana se tornam mais evidentes ou talvez nos ater aos conflitos entre o papado e o Império que daí advieram ou até mesmo comentar os sucessos e insucessos dela, nos desviaríamos por muito tempo do nosso fim que é perceber as relações de Francisco com essa Igreja em transformação, a qual ele é convidado em seu chamado a reconstruir. Para nós, é importante e cabe perceber que a Igreja do tempo em que Francesco nasceu está transformando-se, buscando, a passos lentos e conflituosos, um renascimento próprio, assim ousamos considerar. Cabe-nos, portanto, fazer um breve questionamento: como tudo isso influenciou as ideias de Francisco de Assis e como se deu dentro de tal cenário a ‘construção’ de sua santidade?

4. IMITADOR DO PAI, DE CRISTO: DE FRANCESCO A SÃO FRANCISCO

Agora conhecedores das realidades que permeavam a sociedade e a Igreja do tempo em que vivera São Francisco de Assis, um dos maiores santos já conhecidos, podemos nos debruçar mais demoradamente sobre a sua figura e buscar compreender como tornou-se esse tão grande santo. Por conseguinte, cabe-nos uma primeira reflexão, o que é a santidade para o homem medieval dos séculos da chamada Idade Média Central?

Assim como a sociedade e a Igreja do período abordado neste trabalho estão em uma profunda mutação, podemos deduzir que a consciência coletiva acerca da santidade, na esfera cristã, acompanha o mesmo ritmo de mudança, afinal:

Diversos medievalistas que analisam o fenômeno da santidade² no medievo concordam com a hipótese de que o culto aos santos ou mesmo a política pontifícia em relação aos mesmos não se deu de forma homogênea durante toda a Idade Média (CAMACHO, 2014, p. 24).

Deste modo, de acordo com Vauchez (VAUCHEZ, 1995, p. 148), podemos considerar que durante a Idade Média Central, surgia um novo conceito de santidade e com este novo conceito, uma nova leva de santos no seio da Igreja. A partir desse momento, especialmente no pontificado de Inocêncio III (1198 – 1216), para se considerar um santo não eram mais “preponderantes os dons taumatúrgicos e os milagres operados por Deus através do santo” (CAMACHO, 2014, p. 25), embora ainda fossem importantes, mas sim “os méritos e a vida do candidato” (CAMACHO, 2014, p. 25). A vida do aspirante à veneração como santo deveria demonstrar uma perfeita imitação da vida do fundador da Igreja, o próprio Jesus Cristo, ou seja:

Não bastava mais, a partir de então, cumprir plenamente as exigências do seu estado e dar o exemplo das mais altas virtudes morais, mas ainda era necessário imitar o Cristo em sua humilhação e em seus sofrimentos, não hesitando em cumprir atos insensatos aos olhos da sociedade, mesmo de uma sociedade que se dizia cristã, como a da Idade Média (VAUCHEZ, 1995, p. 148).

Logo, podemos partir dessa premissa para compreender a construção da santidade de Francisco de Assis, o “perfeito imitador de Cristo” (BOAVENTURA, 2016, p. 14). Para tanto, como se faz necessário uma avaliação da vida do candidato a santidade para se chegar a uma conclusão, devemos nós também nos voltar para a vida deste que é objeto dessa pesquisa e compreender melhor o seu processo de conversão e relacionamento com a Igreja.

Relatado de forma bem semelhante por seus principais biógrafos, o chamado de Francisco a reconstruir a Igreja de Cristo, no início da sua história de conversão, ainda que tenha tons místicos, lança o historiador ao centro das relações da Idade Média Central, a relação do leigo com a Igreja. “Francisco, vai e restaura a minha casa. Vês que ela está em ruínas” (BOAVENTURA, 2016, p. 19), essas foram as palavras que seus biógrafos relatam ter Francisco escutado do próprio Cristo quando estava em oração na Igreja dedicada a São Damião, palavras essas que já sabemos ter sido interpretadas de maneira literal por Francisco, ao acreditar que deveria empenhar-se para reconstruir esta igreja física na qual se encontrava e que estava, de fato, em ruínas.

Porém, é também do nosso conhecimento que, posteriormente, Francisco entende o sentido espiritual e maior que esse chamado continha, ele estava sendo convidado a não ficar inerte diante da situação da Igreja do seu tempo e a colocar na prática aquilo que a reforma gregoriana ainda não conseguira alcançar: a verdadeira imitação de Cristo.

Francisco encarna em si os ideais espirituais, de voltar às origens, da reforma, pois, em seguida a este acontecimento em São Damiano, sucede um novo acontecimento de tonalidade mística, mas que agora revela a Francisco a forma prática de reconstruir a Igreja e levá-la, de fato, ao caminho da Igreja Primitiva dos Apóstolos. Quando, já em Porciúncula na “velha igreja dedicada à Virgem Mãe de Deus” (BOAVENTURA, 2016, p. 24) onde se instalara por um tempo para também reformá-la, estava assistindo uma missa dedicada aos Apóstolos, escutava atentamente o Evangelho do dia em que “Cristo envia os discípulos a pregar e lhes ensina a forma de vida evangélica: *Não queirais trazer nas vossas cinturas nem ouro nem prata, nem dinheiro, nem alforje para o caminho, nem duas túnicas, nem sandálias, nem bastão*” (BOAVENTURA, 2016, p. 27). Ouvindo essas palavras que penetraram seu ser e como que numa epifania, Francisco exclama para si mesmo: “Cá está o que eu pretendo! É isto que eu desejo de toda a minha alma!” (BOAVENTURA, 2016, p. 28). Se dispõe, portanto, a aprender do próprio Cristo, como outrora aprendia o ofício do pai, “o gênero de vida observado pelos apóstolos” (BOAVENTURA, 2016, p. 28) e a praticá-lo.

A essa altura, Francisco já havia se despojado de suas vestes em público e diante do bispo de Assis, renunciando toda a riqueza da casa paterna, exclamando ao pai – o senhor Bernardone que se encontrava “profundamente amargurado e ferido com tão inesperada mudança” (CELANO, p. 17) do filho – as seguintes palavras: “Até agora chamei-te meu pai, mas de agora em diante posso dizer sem qualquer reserva: *Pai nosso que estais no céu*, pois foi a ele que confiei meu tesouro e nele depus minha fé” (BOAVENTURA, 2016, p. 22). Essa atitude de Francisco nos revela seu rompimento com a imitação da figura paterna e nos direciona ao início da sua relação com a Igreja, pois enquanto rompe com o pai e sente-se “livre do jugo do pai terreno” (CELANO, p. 23), é acolhido pela Santa Sé, uma vez que:

Compreendendo o bispo o seu propósito e admirando tamanha coragem e determinação, acolhe-o nos seus braços e cobre-o com o próprio manto. 4Era manifesto: ele, bispo, acabava de ser testemunha de um gesto inspirado por Deus a seu servo, um gesto carregado de mistério. 5Disso convencido, logo ali se constituiu seu protector e,

animando-o e confortando-o, estreitou-o contra o peito, com entranhado amor (CELANO, p. 20).

Embora consideremos esse episódio da renúncia dos bens paternos e despojamento das “vestes mundanas” (CELANO, p. 26) em frente a autoridade episcopal como o início da relação de Francisco com a Mãe Igreja, é somente no acontecimento posterior em Porciúncula, quando compreende para que o Senhor o chamou, que podemos declarar: “São Francisco nasceu, vão nascer os franciscanos” (LE GOFF, 2001, p. 69).

A exemplo de São Pedro, primeiro papa da Igreja e por quem nutria grande devoção, Francisco “com grande fervor e júbilo começou a pregar” (CELANO, p. 27) e atrair seguidores que se encantam pelo seu testemunho. A sua pregação era de caráter simples, exortativo e penitencial, e era possível, através dela, perceber que o futuro santo vivia aquilo que proferia, pois em suas palavras confirmavam “o teor e pureza da sua vida” (CELANO, p.28). Quanto mais aumentava seu número de seguidores, denominados frades, mais Francisco buscava assemelhar-se a vivência evangélica, enviando seus irmãos de dois em dois, “como Cristo fez com os apóstolos”, (LE GOFF, 2001, p. 70) a pregar aos homens. Quando, enfim, o número de confrades chega a onze, doze com ele, Francisco:

Escreveu para si e seus irmãos, presentes e futuros, com simplicidade e breves palavras, uma norma de vida ou Regra, composta de expressões do Evangelho, a cuja perfeita observância aspirava de contínuo. Acrescentou, contudo, um número restrito de directivas indispensáveis e urgentes para um bom andamento da vida em comum (CELANO, p. 34).

Jacques Le Goff (2001, p. 70) considerara como justificativa para a escrita de uma regra de vida as inquietações de Francisco acerca desses primeiros momentos itinerantes de sua pequena obra. Alguns insucessos nas viagens missionárias, o mal acolhimento e a taxação de loucura por parte de alguns gerou no *Poverello* um sentimento de ameaça perante o futuro do seu modo de vida, haja vista que devemos considerar o crescente número de movimentos heréticos no período do nascimento de sua Ordem. Portanto, a escrita da regra e posterior submissão a Roma seria então o meio que encontrou para solucionar tais inquietudes e sanar qualquer possibilidade de acusação de heresia, demonstrando desde o princípio seu espírito submisso à Santa Sé.

“Tendo chegado à Cúria Romana, foi apresentado ao Sumo Pontífice, a quem expôs o seu propósito, e pediu-lhe, humilde e instantemente, se dignasse aprovar a mencionada Regra de vida” (BOAVENTURA, 2016, p. 33). O papa da época era Inocêncio III, “homem douto, de brilhante eloquência, ardoroso promotor da justiça em defesa dos direitos e interesses da fé cristã” (CELANO, p.36). Esse encontro de Francisco com Inocêncio III, bastante famoso na historiografia, nos revela o aprofundamento das relações entre o Pai Seráfico e a Igreja. Na historiografia há uma discussão acerca de como teria sido o recebimento de Francisco por parte de Inocêncio, a qual não nos atreveremos a discutir por não ser nossa finalidade aqui, mas já enunciamos que consideramos a versão de Le Goff a mais ponderada diante das análises das principais fontes: Boaventura e Celano. Nos apropriando desse pensamento, concordamos que “parece fora de dúvida que tenha havido três entrevistas entre Francisco e o papa e que foi difícil ao *Poverello** conseguir a aprovação do pontífice” (LE GOFF, 2001, p. 71).

O encontro em 1209, como quase tudo na vida de Francisco, toma proporções místicas – aceitáveis e acessíveis para o exame do historiador – pois devido aos impasses vivenciado nas duas primeiras reuniões entre os dois pastores, como os define Le Goff (2001, p. 72), ao fim da segunda reunião, o papa se dirige a Francisco de tal maneira: “Vai, meu filho, pedir a Cristo que por teu intermédio me mostre a sua vontade. Quando eu a conhecer, anuirei aos teus piedosos desejos” (BOAVENTURA, 2016, p. 34), assim sendo, as narrativas de sua vida contam que, logo em seguida a essa ordem do Bispo de Roma, Francisco mergulha em oração junto aos seus confrades e como fruto divino dessa oração, relatam que:

Inocêncio III teve um sonho: viu a basílica de Latrão inclinar-se como se fosse desabar. Um religioso “pequeno e feio” a sustentou em suas costas e a impediu de ir abaixo. O homem de seu sonho só poderia ser Francisco. Ele salvaria a Igreja (LE GOFF, 2001, p. 74).

Logo, a regra de vida foi aprovada, ainda que somente verbalmente, pela Cúria Romana. Nasceram, portanto, os franciscanos. Além de aprovar a regra, Inocêncio III a exemplo de Cristo, envia Francisco e os seus a pregarem a penitência por todo o mundo e “mandou igualmente impor tonsuras em todos os leigos companheiros de Francisco para lhes permitir pregar a palavra de Deus sem empecilhos” (BOAVENTURA, 2016, p. 35)

No encontro com Inocência, temos alguns pontos a discutir. O primeiro é a resistência do Santo Padre em conceder a aprovação da regra, acreditamos que isso é oriundo da desconfiança do papa por possivelmente perceber em Francisco e suas aspirações uma linha tênue com a heresia, logo:

Tornava-se necessário que a Igreja acolhesse de forma cautelosa as novas propostas que lhe eram feitas, tendo a precaução de acompanhar e controlar esses novos religiosos para que posteriormente não viessem a se opor a doutrina eclesiástica através da heresia (CAMACHO, 2012, p. 117).

O segundo é o sonho místico de Inocência aliado a insistência respeitosa do *Poverello*, haja vista que vemos nesse episódio o papa começando a ceder por começar a enxergar em Francisco uma real salvação para a situação que se encontrava a Igreja, descrita por Jacques Le Goff:

Inocência III vê a Igreja assaltada por bandos de inimigos, os príncipes que se dizem cristãos e sobre os quais ele lança sucessivamente (sobre o Imperador, sobre o rei da França, sobre o rei da Inglaterra) a excomunhão e o anátema, aqueles hereges que pululam – os Pobres de Lyon, transformados em valdenses, e aqueles *Umiliati*, submetidos à obediência apenas parcialmente, até aqueles cátaros, aqueles albigenses, contra os quais ele pregou a cruzada e prepara a Inquisição (LE GOFF, 2001, p. 72-73).

Diante de tal cenário, afirmamos que a Igreja precisava do Pai Seráfico. Isso nos leva ao terceiro ponto: mesmo a Sé Apostólica aceitando a regra de vida baseada tão somente no Evangelho proposta por Francisco de Assis – que inclusive contou com a ajuda do bispo que outrora o acolheu em Assis e do cardeal D. João de São Paulo que seria, inicialmente, a ponte entre a cúria e a Ordem dos Frades Menores, tornando-se deles o primeiro cardeal protetor até a sua morte – não deixou de encher o propositor de diversas precauções e, como já adiantamos, ordenou que tonsurasse os irmãos para o serviço da pregação. Esse último fato, especificamente, foi de tamanha importância, pois defendemos que é o início da “reconciliação” da Igreja com o laicato.

Francisco era o modelo ideal de santidade que a Igreja precisava frente a necessidade de afirmar um sucesso e não um fracasso da reforma gregoriana em suas propostas de uma *Ecclesia primitivae forma* e de uma *Vita vere apostolica*, afirmando assim a autoridade da Cúria Romana. Além disso, segundo Carlo Delcorno (1977, p. 138), a pregação franciscana:

Também estava vinculada a política de Inocência III, cujo objetivo era uma reorganização não apenas eclesial, mas também social, uma vez

que, adotando a ortodoxia católica, fomentava uma vida regrada de acordo com a doutrina eclesiástica no âmbito urbano (DELCORNO apud CAMACHO, 2015, p. 73).

Por conseguinte, podemos perceber que iniciada dentro dos mosteiros, transformada em eclesial, a reforma tornou-se, especialmente em Francisco, em social. Com isso, a Igreja precisava reconciliar-se com os leigos, vendo no Pai Seráfico a ponte necessária para tal feito. Ele demonstrava a possibilidade de uma santidade leiga longe dos ares da heresia. Não que as propostas franciscanas não tivessem suas linhas tênues com as propostas de tantos outros movimentos heréticos, como os valdenses já citados, mas diferenciava-se por sua submissão e obediência a Roma, pois “não quis construir um templo novo: restaurou uma igreja antiga, já em ruínas; não arrancou alicerces, edificou sobre eles, deixando a Cristo, sem o advertir, a prerrogativa da sua fundamentação” (CELANO, p. 23).

Francisco e Inocêncio, portanto, unidos num “mesmo espírito mas com estilos diferentes, buscam trazer soluções para o mesmo problema: num mundo em mutação, abrir para os homens novos caminhos no sentido da salvação” (LE GOFF, 2001, p. 81). Assim, é possível dizer que o quarto Concílio de Latrão, proposto por Inocêncio III em 1215, é inspirado na figura de São Francisco, que anima a Cúria a estabelecer, segundo Le Goff (2001, p. 80), as bases para uma nova reforma no seio da Igreja. Embora o historiador Jacques Le Goff e tantos outros defenderem a ideia, ao nosso entendimento, paradoxal, de que ao mesmo tempo que inspira o concílio, o Pai Seráfico sente-se ameaçado por ele devido a publicação do cânon 13 que proibia, de forma veemente, a fundação de novas ordens, nós, neste presente estudo, não acreditamos que Francisco tenha se sentido ameaçado, tendo em vista que ele outrora já havia procurado a Igreja para submeter seu gênero de vida à aprovação e a alcançou, ainda que só verbalmente, do Santo Padre.

De certo, não podemos deixar de observar que não somente a Igreja precisava de Francisco como também ele precisava cada vez mais das intervenções eclesiásticas. Embora a maioria dos estudiosos do franciscanismo tentem, em dado momento, sutilmente criar entre Francisco e a Cúria uma relação de oposição no sentido de que a Igreja, segundo Le Goff (2001, p. 81), começa a subordinar a Ordem à hierarquia eclesiástica, contrariando, assim, o fundador da mesma. Contudo, nós não acreditamos nessa contrariedade, pois concordamos com Victor Camacho quando narra que

Francisco é quem reconhece a necessidade de estar mais próximo a Mãe Igreja e por ela ser orientado, vejamos:

Seguiram-se cerca de dez anos desde o encontro dos primeiros frades com o Bispo de Roma, porém, no decorrer deste período, alguns elementos levaram a mudanças dentro da Ordem. Os religiosos já haviam feito missões de pregação além da Península Itálica, chegando até o Oriente; o próprio Francisco chegou a fazer uma viagem a Terra Santa. Além disso, a entrada de clérigos levou a transformações na forma de pregar, pois alguns destes possuíam formação teológica e também universitária. Este fator propiciou uma clara distinção entre os primeiros companheiros do santo, que eram em sua maioria leigos. Por outro lado, a Ordem que crescia cada vez mais apresentava problemas, que não existiam quando o número de frades se limitava entre 12 a 20 homens. Por isso, Francisco solicitou ao papa a presença de um cardeal para auxiliar no governo da instituição. A função foi dada ao bispo de Óstia, Hugolino Segni, sobrinho de Inocêncio III, que posteriormente foi eleito papa, escolhendo para si o nome de Gregório IX (CAMACHO, 2015, p. 75).

Francisco sabia, como contam Boaventura e Celano, que a Ordem iria crescer, ele afirmava isso aos seus confrades, e mais, “desejava que a Ordem dos Irmãos menores crescesse e se desenvolvesse” (BOAVENTURA, 2016, p. 40). Era um desejo do Pai Seráfico, assim como outrora desejou realizar o ofício das armas, queria agora ser pai de muitos filhos em sua Ordem. É importante enfatizarmos também que além de desejar um crescimento, Francisco queria que a sua obra se desenvolvesse e, por isso, recorre a Boa Mãe, a Igreja. Defendemos essa tese porque acreditamos que esse sentimento anticlerical é muito mais parte de uma escrita historiográfica acerca do franciscanismo do que representa os sentimentos do próprio fundador. Fundamentamos essa nossa posição quando vemos claramente que Francisco e os seus não sofrem imposições, mas livremente escolhem se colocar em comunhão com Roma e sob sua custódia, como afirma Camacho ao analisar os escritos do historiador Giovanni Micolli:

A própria perspectiva e espiritualidade franciscana de humildade e submissão a toda criatura previa a obediência à Igreja e ao papado, logo é necessário entender esta dinâmica para se compreender a atitude de Francisco. Em uma exaustiva análise dos escritos do santo e de outras fontes, o historiador conclui que, para Francisco, a aprovação papal seria a confirmação de uma revelação divina; o fundador não abriu mão da obediência à Igreja, como também da originalidade de seu projeto, por acreditar que tanto a autoridade do papa quanto a sua forma de vida eram manifestações divinas. Portanto, houvera uma opção sincera do santo em se colocar na condição de submisso à cúria romana por crer que se tratava de uma instituição sagrada (MICOLLI apud CAMACHO, 2012, p. 123).

Essa submissão obediente que livremente Francisco escolheu viver se sustenta em um dos episódios do início da sua conversão, o beijo no leproso. Analisemos o que nos narra São Boaventura:

Certo dia, andando a cavalo na planície que se estende junto de Assis, encontrou um leproso. Foi um encontro inesperado e Francisco ficou muito horrorizado diante daquele triste quadro. **Mas lembrou-se do propósito de perfeição que abraçara e da necessidade de vencer-se a si mesmo primeiro, se quisesse ser cavaleiro de Cristo.** Imediatamente desceu do cavalo e correu a beijar o pobre homem. O leproso estendeu a mão para receber uma esmola. Francisco deu-lhe um dinheiro e um beijo. Montou novamente a cavalo, olhou em frente e em toda a volta, e, nada havendo que lhe impedisse a vista, todavia não viu mais o leproso. Cheio de admiração e alegria, começou a cantar os louvores do Senhor e **prometeu fazer coisas melhores ainda no futuro** (BOAVENTURA, 2016, p. 16, grifo nosso).

Na passagem acima, podemos observar alguns pontos que de forma inteligente são levantados pelo biógrafo. O primeiro é que Francisco tem claro para si mesmo o ideal de perfeição que abraçou, ele não é simplesmente um produto do seu tempo, um reflexo da espiritualidade medieval, mas, em verdade, um protagonista do seu tempo, alguém que abraça conscientemente o ideal de vida evangélica e apostólica, baseada nas páginas do próprio Evangelho, como pode se observar, além das páginas biografadas sobre ele, em sua regra de vida. O segundo é que esse ideal do Pobre de Assis revela então uma necessidade de vencer-se a si mesmo, ou seja, de superar as suas próprias vontades, de colocá-las em sujeição de uma vontade maior, a do próprio Cristo enquanto cabeça da Igreja, pois somente assim, pode ser perfeito como Ele. Tendo essa clareza, reconhece humildemente a necessidade de colocar a sua vontade sob a custódia da Igreja, para que sendo conduzida e ajustada por ela, conseqüentemente, melhor conduza a sua Ordem. É por essa razão que Francisco permite que o cardeal Ugolino, com quem nutria um relacionamento de intimidade e bastante confiança, interfira diretamente nos rumos da Ordem, concretizando-se na elaboração de uma nova regra.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegado até aqui, se faz necessário reconhecer que o Santo de Assis era um assíduo conhecedor da Palavra, afinal, não haveria outra forma de viver a *Imitatio Christi* se não pelo conhecimento da vida de Cristo contida nos Evangelhos. Para além das páginas do Evangelho, era importante também conhecer a Igreja Primitiva, encontrada, especialmente, nas páginas paulinas da Bíblia. A partir disso, na Epístola

aos Filipenses encontramos o cerne da espiritualidade de São Francisco de Assis: “Tornando-se semelhante aos homens e reconhecido em seu aspecto como um homem abaixou-se, tornando-se obediente até a morte, à morte sobre uma cruz” (BÍBLIA DE JERUSALÉM, Epístola aos Filipenses, 2, 7-8). Assim como Jesus Cristo, o *Poverello* desejava levar à obediência até as últimas consequências.

Acreditamos que a obediência e humildade de São Francisco de Assis em submeter-se à Igreja, tanto na relação com o papa Inocêncio III, mas principalmente com o cardeal Ugolino, posterior papa Gregório IX, renunciando as próprias vontades por reconhecer-se necessitado de ser conduzido por uma vontade divina expressa pelos representantes de Cristo e apóstolos na terra, o papa e seus cardeais, advém da imitação de Cristo que Francisco decidiu, consciente e livre, abraçar desde o princípio de sua conversão e que se torna visível quando recebe os estigmas, anunciando o êxito da sua pretensão de ser um perfeito imitador.

O Pai Seráfico, portanto, foi capaz de restaurar a Igreja não como um rebelde integrado como fazem questão de o caracterizarem boa parte dos historiadores franciscanos, mas como um verdadeiro reformador. Para nós, a dinâmica da contestação de Francisco à Igreja, como levanta a historiografia, não se dá de fora para dentro, mas de dentro para fora. Pelo exemplo, Francisco é capaz de levar ao saudável constrangimento os pastores da Igreja, gerando neles um movimento de profunda mudança e necessidade de responder ao mundo em suas novas demandas e, assim, de retornar à Igreja aos trilhos, ou seja, ao caminho de reaproximação com o cristianismo primitivo. Deste modo, acreditamos que Francisco, em seu gênero de vida, alcança os ideais gregorianos da reforma e com seu testemunho anima uma nova reforma no seio da Sé Apostólica.

Reconhecendo também a Igreja a necessidade de levar a termo as mudanças que precisavam se concretizar, mostra com a canonização de Francisco, que a santidade é possível e é para todos. A partir da sua canonização em 1228:

a Santa Sé passa a conceder cada vez mais o reconhecimento institucional da santidade aos religiosos pertencentes à ordem minorítica que colaboraram diretamente com a Igreja, ou mesmo a outros candidatos que estavam vinculados a experiência do movimento franciscano, como é o caso de Clara de Assis (CAMACHO, 2014, p. 28)

Não somente o santo, mas a Ordem e seus frutos passam a ser exemplos de um novo caminho de santidade, e conseqüente salvação, especialmente para os leigos, os reaproximando de Roma e atendendo assim “as necessidades da Igreja de seu tempo, tornando-se um instrumento de combate a heresia e coesão doutrinal dentro da cristandade” (CAMACHO, 2014, p. 30).

A relação com Gregório IX enquanto ainda era cardeal foi de suma importância para a rápida canonização de Francisco. O papa quando assume a Cúria Romana, cumprindo assim “a profecia do santo” (BOAVENTURA, 2016, p. 61), e sendo conhecedor ocular da santidade expressada pelo *Poverello*, não hesita em tão logo canonizá-lo. “Francisco é, portanto, o exemplo concreto da nova política de canonização estabelecida por Inocêncio III que é consolidada por Gregório IX” (CAMACHO, 2014, p. 29).

Por fim, defendemos que o santo continua atravessando os tempos e sendo até os dias atuais um reformador da Igreja, movendo até hoje as suas estruturas, pois em cada novo carisma que nasceu no seio da Igreja inspirado no Pai Seráfico ao longo dos séculos, continuou vivo o testemunho de Francisco que lança continuamente a cristandade ao caminho da *Imitatio Christi*, não atoa o papa que hoje encontra-se na Cátedra de Pedro tem seu nome inspirado no grande santo da Igreja: Francisco de Assis.

6. FONTES

BAGNOREGIO, São Boaventura de. **Legenda Maior**. São Caetano do Sul: Santa Cruz Editora e Livraria, 2016.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

CELANO, Tomás de. **Biografias II: Vida Primeira (1C). Vida Segunda (2C). Tratado dos Milagres (3C). Legenda da Úmbria. Tradução Frei José David Antunes**. Editorial Franciscana. Disponível para o acesso em: <https://vdocuments.site/biografias-ii-tomas-de-celano-editorial-franciscana-1c4af850265f034pdf.html>

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASCHET, Jérôme. **A civilização feudal: Do ano mil à colonização da América**. São Paulo: Globo, 2006.

CAMACHO, Victor Mariano. A pregação franciscana face às regras Bulada e Não Bulada na primeira metade do século XIII. **Ordens religiosas na Idade Média: concepções de poder e modelos de sociedade (séculos XII-XV): atas do congresso realizado nos dias 26 a 29 de maio de 2014 na Universidade Federal de Minas Gerais**, Belo Horizonte, p. 72, maio, 2015.

_____. Considerações sobre a construção da santidade franciscana no início do século XIII. **Alétheia Revista de Estudos sobre Antiguidade e Medieval**, v. 9, n. 1, p. 23-39, maio, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/aletheia/article/view/6148>. Acesso em: 09 de fevereiro de 2021.

_____. Os Frades Menores e a Cúria Romana na primeira metade do século XIII: uma discussão historiográfica. **Recôncavo: Revista de História da UNIABEU**, v. 1, n. 2, p. 112-128, jan./jul. 2012. Disponível em: <https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/reconcavo/article/view/271>. Acesso em: 09 de fevereiro de 2021.

_____. Pregação e Heresia na hagiografia franciscana de inícios do século XIII. **Recôncavo: Revista de História da UNIABEU**, v. 7, n. 12, p. 139-151, jan./jul. 2017. Disponível em: <https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/reconcavo/article/view/2874>. Acesso em: 09 de fevereiro de 2021.

CAMACHO, Victor Mariano; SILVA, Andreia Cristina Lopes Frazão da. O encontro de Francisco de Assis com Inocêncio III: uma análise comparativa da Vita Beati Francisci de Tomás de Celano e a Legenda Maior de Boaventura de Bagnoregio. **Cuadernos Medievales**, n. 20, p. 75-98, junho, 2016. Disponível em: <https://fh.mdp.edu.ar/revistas/index.php/cm/article/view/1403>. Acesso em: 09 de fevereiro de 2021.

LARRAÑAGA, Inácio. **O Irmão de Assis**. São Paulo: Paulinas, 2012

LE GOFF, Jacques. **A civilização do ocidente medieval**. Bauru: Edusc, 2005.

_____. **Os intelectuais da Idade Média**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

_____. **São Francisco de Assis**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

RIBEIRO, Rafael Santos. Conflitos entre autoridades religiosas e monárquicas no início do século XI: um debate a partir das relações de poder. **Revista Plêthos**, v. 4, n. 1, p. 137-153, 2014. Disponível em:

<https://www.historia.uff.br/revistaplethos/nova/index.php?Edi%C3%A7%C3%B5es:Pl%C3%A1thos%2C%204%2C%201%2C%202014>. Acesso em: 09 de fevereiro de 2021.

SILVA, Andreia Cristina Lopes Frazão da. Reflexões sobre a produção literária franciscana no século XIII. **Revista do Centro de Estudos Portugueses (UFMG)**, v.29, p.107 - 137, 2009. Disponível em:

<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/cesp/article/view/6530>. Acesso em: 09 de fevereiro de 2021.

VAUCHEZ, André. **A espiritualidade na Idade Média Ocidental**. Lisboa: Estampa, 1995.